**CRIANÇAS E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO:
SOCIALIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA EMPATIA E DE OUTROS AFETOS****CHILDREN AND PETS: SOCIALIZATION AND THE CONSTRUCTION OF
EMPATHY AND OTHER AFFECTS**Laysa Fernandes Picoli¹Renata Sieiro Fernandes²

Resumo: O objetivo deste estudo exploratório é analisar a importância da presença e da interação entre crianças e animais para o aprendizado das emoções, especialmente, a empatia. O referencial de ancoragem baseia-se em Wallon, Latour, Montagu, Gazzana e Lima, entre outros. Metodologicamente, é uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo estudo exploratório, de cunho bibliográfico-documental, sendo descritiva e analítica quanto aos objetivos. A técnica e os procedimentos para a construção de dados são o levantamento e a seleção de produções culturais e artísticas, imagéticas, com representações de personagens infantis e seus animais de estimação de espécies variadas, em contextos urbanos e rurais, em histórias em quadrinhos (HQ) e tiras, nacionais e internacionais disponíveis na *internet*. Os dados dão pistas de que a interação entre crianças e animais de estimação promove a socialização e facilita o aprendizado das emoções, especialmente da empatia, responsabilidade, valorização da vida dos seres humanos e dos muitos seres nos diferentes meios da natureza.

Palavras-chave: Empatia. Humanos-não humanos. Educação.

Abstract: The objective of this exploratory study is to analyze the importance of the presence and interaction between children and animals for learning emotions, especially empathy. The anchoring framework is based on Wallon, Latour, Montagu, Gazzana and Lima, among others. Methodologically, it is a research with a qualitative approach, of the exploratory study type, of bibliographic-documental nature, being descriptive and analytical regarding the objectives. The technique and procedures for data construction are the survey and selection of cultural and artistic productions, imagery, with representations of children's characters and their pets of various species, in urban and rural contexts, in comics (HQ) and national and international strips available on the internet. The data give clues that the interaction between children and pets promotes socialization and facilitates the learning of emotions, especially empathy, responsibility, valuing the lives of human beings and many beings in different environments.

¹ Prefeitura Municipal de Americana/SP - <http://lattes.cnpq.br/4576233417060961>

² Secretaria de Educação de Campinas-SP - <http://lattes.cnpq.br/9442590455789681>

Key-words: Empathy. Human-not human. Education.

Introdução

O campo de estudos da afetividade na Educação tende a centrar-se na contribuição das relações humanos-humanos para o desenvolvimento e o aprendizado das emoções e da sociabilidade, entre outros aspectos. Desta forma, orienta-se para os processos de interação, individuação, construção do eu-outro, a partir do desenvolvimento e da aprendizagem das emoções, desde o período da infância. Ao lado disso, é notório pensarmos a socialização como um processo de aprendizagem de entrada e permanência no universo cultural dos grupos humanos, logo, a sociabilidade é vista, principalmente, pelo viés do contato social entre humanos.

Neste artigo, traz-se a possibilidade de pensar a contribuição dos animais nos aprendizados dos afetos e da sociabilidade das crianças, por meio de interações humanos-não humanos, a partir do contato e da proximidade com animais de estimação, em famílias interespecies.

Os animais de diferentes espécies são altamente suscetíveis ao toque – bem como os demais sentidos - e reagem de diferentes modos, proporcionando percepções, emoções, sentimentos e pensamentos sobre o lugar de si e do outro, sob o enfoque relacional, além de serem seres sencientes, ou seja, que têm a capacidade de ter percepções conscientes.

O objetivo deste estudo exploratório é discutir e apontar indícios da importância da presença e da interação entre crianças e animais para o aprendizado da sociabilidade e das emoções, especialmente, a empatia.

Metodologicamente, a pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo estudo exploratório, de cunho bibliográfico-documental, descritiva e analítica quanto aos objetivos. A técnica e os procedimentos para a construção de dados são o levantamento e seleção de algumas produções culturais e artísticas, imagéticas, sob a forma de história em quadrinhos (HQ) ou tiras, com representações de crianças e personagens infantis, de diversas culturas e seus animais de estimação de espécies variadas, em contextos urbanos e rurais, disponíveis na *internet*.

As análises dos dados fornecem pistas que permitem inferir e sugerir algumas compreensões e possibilidades sobre a sociabilidade e a empatia interespecies.

O artigo se estrutura apresentando a discussão teórica, na sequência o percurso metodológico e as análises construídas com base nos/as autores/as de ancoragem, e finaliza com as considerações especialmente para o campo da Educação e das práticas e processos formativos.

Desenvolvimento

Para Garcia (2001, p. 13), a importância da relação parental para as crianças é de extrema relevância, visto que são os pais os “primeiros modelos significativos de comportamento sócio afetivo” e a qualidade da interação garante aquisições afetivas e comportamentais que serão importantes no presente e no futuro.

O ser humano, desde o seu nascimento e ao longo da vida, é envolvido e permeado pela afetividade e constrói sentidos positivos ou negativos a partir das relações estabelecidas. Sendo assim, o afeto desempenha um papel fundamental em seu desenvolvimento e no estabelecimento de relações sociais e consigo mesmo, colaborando para a construção de si, já que esse processo inclui, necessariamente, a alteridade (considerando humanos e não-humanos).

Os vínculos afetivos, portanto, em conjunto com a dimensão motora-sensível e com a cognição, de forma recíproca, marcam os apoios teóricos que Wallon (1979) maneja para explicar como acontece o desenvolvimento e a aprendizagem.

Segundo Wallon (1979), em seus estudos sobre a afetividade e o desenvolvimento sócio emocional, duas funções básicas constituem a personalidade: afetividade e inteligência. A afetividade está relacionada às sensibilidades internas, orientando-se em direção ao mundo social e para a construção da pessoa; já a inteligência, por sua vez, vincula-se às sensibilidades externas e está voltada para o mundo físico, para a construção do objeto.

As relações sujeito e objeto do conhecimento, com a afetividade, se fazem presentes na interação social. Assim, razão e emoção não se separam, visto que uma não acontece sem a outra; dessa forma, ter consciência das relações afetivas que ocorrem de forma sensível e, predominante, nos momentos de mediação cotidianas, vincula-se à ideia de educação mais humana, tratando a criança como pessoa completa e integral.

A noção de pessoa de Wallon (1979) congrega e integra os aspectos afetivos, motores e cognitivos, de modo recíproco, entre o biológico e o social, contrariamente à perspectiva de fragmentação e dissociação.

É na experiência de vida com os outros, que os bebês e, depois, as crianças, vão se percebendo como corpo com contornos, como corpo-sensível, como corpo-motor-gesto, que se manifesta e se comunica a partir dos significados que os outros vão lhe atribuindo. Esse processo de diferenciação se dá pela imersão nos aspectos da cultura de que toma parte, especialmente, por meio de repertórios simbólicos advindos da linguagem, como possibilidade de pôr em prática, de exercitar modos de ser consigo, no mundo interno, e com os outros, no mundo externo.

Esse processo de diferenciação vai acontecendo a partir da relação eu-outro, sendo este outro um sujeito fundante para a configuração e a constituição do ser pessoa, pois, no modo de entender de Wallon (1979) a chegada dos bebês ao mundo se manifesta de forma sincrética ou orgânica para estes, inexistindo, a princípio, o reconhecimento do aspecto pessoal, sendo todo o mundo social.

Para o autor, a afetividade se expressa de três maneiras: pela emoção, pelo sentimento e pela paixão. A emoção não é controlada pela razão, sendo de base biológica, o sentimento e a paixão têm caráter representativo, conceitual e maior complexidade cognitiva.

Para Souza (2011),

No início de sua vida a criança possui emoções que são independentes da representação, de acordo com Galvão (2003). Essas emoções iniciais são o recurso expressivo das necessidades por excelência, diferentemente dos sentimentos e paixões que dependem de representações. Para Galvão, a ideia essencial sobre a emoção na perspectiva de Wallon

poderia ser resumida na frase: “a emoção se nutre do efeito que causa no outro” (Galvão, 2003, p. 77).

E, ainda,

A apreciação de Galvão está de acordo com as etapas da construção da pessoa postulada por Wallon, a saber: 1) etapa de indiferenciação entre eu e outro ou confucionismo (na qual as primeiras emoções fazem a comunicação e expressão das necessidades orgânicas); 2) diferenciação gradativa entre eu e outro com o despontar da ‘pessoa’ (inicialmente mais para se opor ao mundo na fase de oposição, para depois afirmar seu eu na fase do personalismo); e 3) chegando (aproximadamente na idade escolar) à fase categorial, na qual, já de posse de instrumentos cognitivos tais como a representação e o pensamento racional, utiliza-os para coordenar as emoções e para construir conhecimentos (Souza, 2011, p. 250-251).

A afetividade no desenvolvimento humano trata, portanto, da criança ser capaz de se tornar uma pessoa mais autônoma nas resoluções de problemas em sua vida e ser socialmente participativa ao interagir com os meios físicos e sociais, sendo afetada e reagindo a estes. É por meio das interações que a criança se desenvolve ampliando seu repertório de experiências e sensações.

Para Wallon (1979), a construção da relação eu-outro se dá por meio de experiências interpessoais, portanto, supondo outros sujeitos, mas também inclui, de forma geral, o mundo social, ou o “*socius*”, ao que se pode inferir a dimensão cultural. Neste ponto, faz-se importante considerar a participação, nessa rede de relações, que vai se estabelecendo no processo de diferenciação, outros atores não-humanos, como considera Latour (2012).

Para Latour (2012), os humanos podem estabelecer relações com os não-humanos de diversas formas (animais, máquinas, equipamentos, robôs etc). Em razão disso, o autor introduz a ideia de associação ao invés do entendimento convencional do que é o social. O autor apresenta a teoria ator-rede a partir de argumentos para se pensar o eu, ou o indivíduo/pessoa, que se constitui sempre em rede de conexões e em uma série de ações, sendo o outro (não-humano) um partícipe, que também se faz e colabora para a existência e os acontecimentos.

Ainda que Wallon (1979) e outros autores, que se apoiam em seus referenciais teóricos, não mencionem a participação de atores não-humanos, consideramos ser importante incluir os animais de estimação nessa rede como

elementos próximos e coabitantes do mesmo espaço familiar, cada vez mais presentes na atualidade, nas configurações familiares, constituindo-se no que Gazzana (2015) e Lima (2015) denominam por “famílias multiespécies”.

As interações interespécies, entre humanos e não-humanos, no caso, humano-animal, têm sido benéficas para os envolvidos, especialmente em razão do estímulo afetivo que surge e é cultivado, produzindo afetos múltiplos e sociabilidades.

Essa co-habitação, co-presença e o estabelecimento de interações entre espécies, promovem a socialização, uma prática educativa que se inicia no âmbito familiar e que trata de se apresentar e nomear o mundo social, cultural e emocional aos bebês, e, por conseguinte, a experiência da sociabilidade, que acontece pela via do conhecimento de si e do outro com os próximos.

A experiência da sociabilidade implica negociações de diferentes ordens e aspectos, que passam pela construção de elos ou vínculos afetivo-emocionais, que despertam manifestações e reações derivadas do contato sensorial, especialmente, pelo toque na pele e o prazer ou desprazer que provoca. No caso das relações e interações entre crianças e animais de estimação, pode-se contar, positivamente, para o fato de terem grandes chances de ocorrerem como laços sociais de modo horizontalizado (Plaisance, 2004).

Os estímulos entre humanos-não humanos desencadeiam efeitos e reações que são possibilidades de conhecimento e de autoconhecimento, de consciência de si e do mundo, ocorrendo em movimentos centrípetos (voltados para si) e centrífugos (voltados para os outros) (Ferreira, Acioly-Régner, 2010; Almeida, 2014), realimentando a articulação e a inter-influência das dimensões motoras-afetivas-cognitivas, ainda que de modo não necessariamente linear e contínuo, mas, especialmente por meio de conflitos, contradições e tensões.

Gazzana (2015), apoiada em Bion e Zimmermann, apresenta quatro tipos fundamentais de vínculos:

A partir da classificação de vínculos e dos estudos realizados por Bion, Zimmermann (2010) destaca quatro tipos fundamentais que estarão presentes concomitantemente ou não em toda e qualquer relação: vínculo do amor (demanda por amor, diferentes formas de amar e de ser amado, diferenciação e individualização); vínculo do ódio (relacionado à

agressividade, pulsão de vida); vínculo do conhecimento (diretamente ligado à descoberta, aceitação, ou não, das verdades sobre si ou sobre o outro) e o vínculo do reconhecimento – a partir da premissa que “o ser humano constitui-se sempre a partir de um outro” (Bion, Zimmermann, 2010, p. 31 *apud* Gazzana, 2015, s/p).

A partir desses tipos de vínculos, podemos pensar nos afetivos e nos de diferenciação, no aprendizado das emoções e das percepções dos afetos.

Ferreira e Acioly-Regnier (2010), ao tratarem do conceito de domínio funcional, presente no pensamento de Wallon, afirmam que, a cognição caminha com a afetividade tendo a linguagem e a memória papéis importantes na simbologia e representação do mundo interno e externo.

E que o domínio funcional

Permite a aquisição e a manutenção do conhecimento por meio de imagens, noções, ideias e representações. É ele que permite ainda registrar e rever o passado, fixar e analisar o presente e projetar futuros possíveis e imaginários (Mahoney, Almeida, 2005, p. 18 *apud* Ferreira, Acioly-Regnier, 2010, p. 28).

Desta afirmação, depreende-se que a capacidade de projetar futuros se alinha ao planejamento e ao lançamento de ideias e desejos no tempo e no espaço, logo, permite inferir, que apresenta a possibilidade de se colocar no lugar de um outro, o que gera o sentimento de empatia, afeto que nos interessa neste artigo.

Almeida (1997), retomando Wallon, neste sentido, afirma que “a consciência seria uma ‘entidade’ primitiva e essencialmente individual e a consciência do eu seria adquirida por intuição, introspecção ou experiência direta, enquanto o outro eu seria conhecido por analogia ou por projeção do primeiro sobre o segundo” (Almeida, 1997, p. 109). Portanto, depreende-se que no processo de individuação, a partir da relação com o outro – humano e não-humano – o sentimento de empatia se produz e é produzido, implicando em uma sensibilidade para com ele.

Aprender a se colocar no lugar do outro, sentir como a outra pessoa se sente, perceber o que o outro sente, deseja e necessita, não é algo simples, mas sim complexo, que se desenvolve a partir das relações que temos, podendo ser tratada por simpatia, solidariedade, altruísmo e empatia.

A empatia é um tema que ganha terreno e se expande em vista da sua importância nas relações sociais, principalmente como mecanismo motivador de confiança e de comportamentos pró-sociais, como o altruísmo.

Segundo a American Psychological Association (2010), a empatia é o modo de compreender uma pessoa a partir do quadro de referência do outro e não do próprio, experimentando de modo vicário os sentimentos, percepções e pensamentos além do seu. A empatia não envolve em si mesma a motivação para ajudar, embora possa vir a se transformar em consideração pelo outro ou sofrimento pessoal, o que pode resultar em ação a favor da alteridade.

Motta *et al.* (2006) compreendem que as variáveis ambientais, que favorecem o desenvolvimento da empatia, precisam de muitas possibilidades de experimentação e expressão de diferentes emoções, satisfazendo às necessidades físicas e emocionais da criança e desestimulando uma preocupação excessiva por si mesma, sob a forma de egocentrismo ou individualismo, facilitando o desenvolvimento da empatia.

Segundo McDonald e Messinger (2011 *apud* Justo, Carvalho, Kristensen, 2014, p. 511), diferentes fatores influenciam o desenvolvimento do sentimento de empatia, sendo eles: a) fatores internos (que são os fatores genéticos, aspectos do desenvolvimento neural e variáveis de temperamento) e b) fatores externos, ou de socialização (que seriam a imitação, estilos parentais e relacionamento pais e filhos).

A vivência com animais de estimação ou domesticados é um dos fatores apontados na literatura (Gazzana, 2015; Lima, 2016; Pregowski, 2016; Jockyman, 2017) como facilitadora de empatia ou de atitudes positivas para com animais, sobretudo se esta tiver lugar no início na infância.

No diálogo com Wallon (1979), é exatamente na infância que acontece o processo de diferenciação eu-outro ou do não-eu (Almeida, 1997, p. 110) e de consciência de si, a partir da imagem especular (Almeida, 1997, p. 112), por volta dos três anos, aproximadamente, no denominado estágio do personalismo.

Assim como os autores afirmam a presença da consciência e da sensibilidade afetiva surgindo na criança (quando vai deixando de ser bebê e de se exercitar por imitação, incluindo a imaginação e o repertório simbólico),

Lima (2015) traz o conceito de senciência ou vida psíquica associado aos animais, presente em “mamíferos, aves e possivelmente, peixes (aos quais é dado o benefício da dúvida)” (Lima, 2015, p. 17), bem como o de sensibilidade.

Lima (2015) afirma, a partir de suas pesquisas, que,

O reconhecimento da senciência é a percepção de algumas espécies animais como dotadas de vida emocional e mental (sensibilidade e consciência), comumente referida como humanização. Em outra ocasião, procurei trabalhar com este termo, dada a sua recorrência nos estudos sobre relações com animais não humanos. Posteriormente, porém, optei por tratar esse fenômeno como reconhecimento da senciência porque os conceitos de humanização e antropomorfização induzem o leitor a pensar que vida emocional e mental são de fato uma exclusividade humana. A crítica a essa visão já foi detalhadamente trabalhada por autores de diversas disciplinas, da etologia à filosofia, passando pela neurociência, de forma que, aqui, parece-me suficiente frisar que mamíferos e aves, por serem dotados de sistema nervoso central, possuem sensibilidade à dor, capacidade de formar laços afetivos, capacidade de diferenciar indivíduos (e agir de acordo) e sentem pelo menos emoções básicas, como medo, angústia, raiva, ansiedade e alegria (Darwin, 2009; Masson, McCarthy, 2001; Searle, 2006, 2010). Por outro lado, é importante ressaltar que nem o reconhecimento dessas emoções nem as interpretações a respeito delas derivam da natureza dos animais, e sim de fatores sociais. Quando falo em afirmação de senciência, em vez de reconhecimento, refiro-me à ação dos ativistas, no sentido de incentivar esse reconhecimento em outras pessoas³ (Lima, 2015, p. 173).

Os animais são de extrema importância na vida do ser humano, a convivência com eles nos faz desenvolver sentimentos e habilidades importantes, que ensinam o valor da vida e auxiliam no exercício da “sensibilidade de empatia interespecie”, como nomeia Lima (2016), ao reiterar, que a relação humano e não-humano desperta naquele uma atitude

que pode ser descrita como a percepção de que alguns animais não humanos são conscientes (capazes de perceber a si mesmos, dotados de intencionalidade e de capacidade cognitiva) e sensíveis (dotados de emoções como dor, angústia, medo e alegria), sendo essa percepção acompanhada da comoção diante da dor e do sofrimento desses animais e a sensação de dever moral em relação a eles (Lima, 2016, p. 54).

3

A relação com os animais sempre existiu desde a pré-história e essa relação se aperfeiçoou com o passar do tempo, pela via do processo civilizador (Lima, 2015). Antes, os animais eram vistos como alimento para os grupos humanos, no período de nomadismo e para os caçadores-coletores, depois, no momento de sedentarismo, para os agricultores, os animais passam a permanecer mais próximos e são domesticados e, assim, passaram a ser incluídos nas famílias como animais de estimação. Alguns foram domesticados para subsistência, outros como guardiões e/ou companhia.

Passam a ser entendidos e tratados como animais de estimação, por

(...) Thomas (2010), [que] afirma serem caracterizados por terem nomes, acesso à casa e não servirem de alimento. Na Inglaterra dos séculos XVII e XVIII, fizeram parte dessa categoria pássaros de pequeno e grande porte (como falcões), macacos, cães, porcos, gatos, cavalos, coelhos, esquilos, lontras, tartarugas, cordeiros e, embora menos comuns, são encontrados relatos de camundongos, morcegos e sapos. Aos poucos, os cães e gatos tornaram-se os preferidos nos países ocidentais (...) (Lima, 2015, p. 4).

A importância da convivência com os animais de estimação durante a infância favorece o desenvolvimento da empatia tanto com os outros animais que não são domésticos quanto com as pessoas. Sendo assim, os lares onde existem animais oferecem maior oportunidade de interação, socialização, cuidados, proteção e múltiplos afetos.

Tanto nos ambientes urbanos como nos rurais, a presença e a interação entre crianças e animais persiste ao longo dos tempos, havendo, entretanto, um crescimento do número de animais de estimação nas cidades, dando espaço para o estabelecimento de um mercado de consumo denominado *pet*. No Brasil, esse setor faturou R\$ 20 bilhões, em 2018 e continuou crescendo, em 2019, conforme dados apresentados no Jornal A Gazeta do Povo (2020).

Em 2018, o setor movimentou mais de R\$ 20 bilhões, 9,8% a mais que em 2017. Com isso, o Brasil se tornou o segundo maior mercado global de produtos *pet*, com 6,4% de participação, ultrapassando o Reino Unido (6,1%) pela primeira vez. Em primeiro lugar estão os Estados Unidos, com 50% (A Gazeta do Povo, 2020).

Dentre os animais de estimação aparecem os mamíferos, especialmente cachorros e gatos, seguidos por porquinhos-da-índia e coelhos; os peixes; répteis e aves, mas, dependendo da cultura do lugar, estes vão variar. De qualquer modo, os mais comuns são os mamíferos, as aves e os répteis, pois têm o sentido do olfato aguçado e aceitam contato pele-a-pele, são receptivos a carícias e criam vínculos com as pessoas.

Na afirmação de Gazzana (2015)

Sabe-se que há características, particularidades, semelhanças e diferenças dos animais em relação aos seres humanos. Estudos assinalam que, através da sensibilidade à nossa linguagem corporal, os animais podem captar nossos sentimentos, expectativas e intenções. Nesse sentido, Dukes (1996) salienta que por apresentarem um olfato bastante apurado e a capacidade de captar frequências inaudíveis para o ser humano, percebem também as alterações químicas do nosso organismo, possibilitando identificar nosso humor, saúde e estado geral (Gazzana, 2015, s/p).

Montagu (1988) traz, pelo menos, duas informações importantes sobre a pele: é o maior órgão do corpo humano e de não-humanos, no caso, os animais, sendo o sentido que mais é afetado nas relações com o mundo físico e com as pessoas, pela via do toque e sendo a pele o que dá o contorno e a fronteira para o que nos separa-aproxima da alteridade. “Como as fronteiras de uma civilização, a pele é um bastião, local em que se travam escaramuças, e em que invasores encontram a resistência; aí se localiza nossa primeira e última linha de defesa” (Montagu, 1988, p. 25).

A importância do sentido tátil, contendo inúmeros receptores sensoriais que captam estímulos de calor, frio, toque e dor, para humanos e animais, pode ser percebida pelas informações que o autor traz:

O crescimento e o desenvolvimento da pele prosseguem vida afora, e o desenvolvimento de sua sensibilidade depende, em grande medida, do tipo de estimulação ambiental recebida. É bastante interessante que, assim como acontece com pintinhos, cobaias e ratos, o peso relativo da pele no recém-nascido humano, expresso como porcentagem do peso total do corpo, é de 19,7%, praticamente o mesmo que no caso do adulto, 17,8%, o que sugere aquilo que deve ser óbvio: a importância duradoura da pele na vida do organismo. No caso de outros animais, descobriu-se que “aparentemente a sensibilidade epidérmica desenvolve-se mais cedo e mais completamente durante a vida pré-natal”. Existe uma lei embriológica geral segundo a qual quanto mais cedo se

desenvolve uma função, mais fundamental ela provavelmente é. O fato é que os atributos funcionais da pele estão entre os mais básicos do organismo (Montagu, 1988, p. 24).

Em cada cultura, são escolhidas espécies de estimação de acordo com a convivência que as pessoas e os grupos sociais possuem e, quando não há tanta familiaridade cultural são vistos como exóticos e selvagens, como tigres, lhamas, cobras, elefantes, sagüis, cervos, portanto, varia de cultura para cultura e de lugar para lugar.

Até o momento, não se encontraram estudos específicos sobre diferenças culturais na empatia dirigida a animais, porém a relação entre humanos e os seus animais de estimação vem sofrendo grandes mudanças ao longo dos tempos, em diferentes países, onde alguns animais se tornaram populares como animais de estimação, como é o caso dos coelhos, no Japão, deixando de ser vistos como alimentos e passando a ser fiéis companheiros, assim como na China, no Vietnã ou na Tailândia (Pręgowski, 2016).

Há relatos no campo da saúde física e emocional (Cançado, 2011; Souza, 2012; Jockyman, 2017; Gomes, 2011) e mesmo informais, de que a intimidade e o elo que se formam entre uma criança com necessidades especiais (Muñoz, 2013; Andrade, 2010; Capote, 2009), hospitalizadas (Oliveira, 2018) e o animal, às vezes, trazem situações inesperadas, como curas, redução de ansiedade, aumento da eficiência do sistema imunológico, desenvolvimento a autoconfiança, senso de responsabilidade e elos por afetos. Há indicações de animais em tratamentos terapêuticos com pacientes de todas as idades (Diniz, 2017), trazendo inúmeros benefícios para os mesmos, ajudando a desenvolver e melhorar as condições físicas, sociais, emocionais e cognitivas.

O campo afetivo e a afetividade se constroem e são decorrentes dessas relações estabelecidas. Os animais, estando presentes no cotidiano, trazem benefícios para a qualidade de vida, possibilitando despertar nos humanos os mais diversos sentimentos e emoções, como o carinho, amor, respeito, companheirismo, até mesmo a tristeza quando aqueles estão doentes ou distantes.

O aprendizado emocional proporcionado pelos animais pode acontecer no ambiente doméstico, familiar, na co-habitação e na escola também, instituição de socialização em que as crianças vão desde muito pequenas.

Para este texto, além da discussão da literatura, o foco de análise são algumas produções culturais e artísticas imagéticas (desenhos de HQ e tiras), que representam interações entre crianças e personagens infantis e seus animais de estimação. São produções culturais e artísticas feitas para crianças e para um público de maior idade. Ainda que os bebês sejam mais motores e sensórios e pré-verbais, a cultura do ver e do ouvir, já se instaura desde o nascimento e os coloca imersos e atuantes nas ações e produções.

Parte-se do princípio que a linguagem oral (pela leitura) e escrita (a narrativa textual) que acompanham ou não a sequência das HQ e tiras, bem como as imagens, colaboram no processo de construção da empatia. Para tanto, tomamos como inspiração e base teórica a pesquisa de Santilli (2018), que teve como objetivo estudar como uma narrativa audiovisual infantil, ao invés de estimular a agressão, pode fomentar o amor. Embora não trate de elos entre humanos e não-humanos, atende à prerrogativa de pensar nas representações imagéticas (e sonoras) como fonte de aprendizado de afetos.

Portanto, assumimos que as produções imagéticas, ao serem lidas e vistas por bebês, crianças e público de várias idades, podem estimular a formação, pela linguagem, de uma ética sensível e empática, para um modo mais humano e fraterno de relação, convivência, sociabilidade, tanto entre humanos, quanto entre humanos e não-humanos.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo estudo exploratório, sendo bibliográfica e documental. A investigação caracterizou-se como descritiva e analítica quanto aos objetivos. Apresenta uma parte inicial, de levantamento e estudo bibliográfico com pesquisa nas bases do SciELO e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) com diferentes combinações de descritores: crianças; animais; afetividade; empatia; educação.

O tema da afetividade e crianças na Educação é tradicionalmente estudado, porém, dentro do recorte que este artigo propõe, aparece um espaço lacunar de investigação. Pela combinação de descritores: empatia e criança e educação, aparece um rol de 20 de produções, entretanto, todas elas priorizam as relações sociais entre humanos, em contextos escolares. Não aparece nenhuma produção bibliográfica que trate da empatia envolvendo crianças e animais em pesquisas no campo da Educação.

Este levantamento inicial mostra a relevância do estudo da problemática envolvendo a afetividade, especialmente, a empatia e a sociabilidade e os elos entre crianças e animais de estimação, no campo da Educação, para além de contextos afins à área da Saúde.

A contribuição dos animais na interação com crianças pequenas é vista em todos os lugares e culturas, e as produções culturais e artísticas, voltadas à infância ou ao público juvenil e adulto, costumam apresentar suas personagens principais acompanhadas de algum animal de estimação.

Isto demonstra um padrão cultural que reforça essa associação entre criança e animal, como elo social, relação de confiança, companheirismo, fidelidade, amorosidade etc. Esse modelo representativo atualiza o que os estudiosos afirmam, ou seja, da importância dessa presença e proximidade para o desenvolvimento do afeto, ligado às emoções, sentimentos e paixões (Wallon, 1979), ainda que não mencionem, efetivamente, os animais.

A segunda parte metodológica contou com o levantamento e seleção de produções culturais e artísticas, imagéticas, com personagens infantis, masculinos e femininos, de HQ's e tiras, de ampla divulgação e conhecimento, que trazem representações de crianças acima dos 3 anos, e seus animais de estimação de espécies variadas, em contextos urbanos e rurais, disponíveis na *internet*.

Como procedimento para a seleção dos materiais, tomou-se como base inicial a memória afetiva pessoal de leituras de HQ's em que havia a presença de personagens infantis e animais de estimação, seguido de levantamento temático disponibilizado pelo buscador *Google*, a partir de combinação entre os descritores: HQ, criança, animal de estimação. Não foi usado o critério temporal, pois este não se fez relevante para os objetivos. Após o

levantamento, a técnica utilizada foi a leitura de pelo menos cinco histórias envolvendo cada uma das personagens selecionadas em que participava da narrativa o animal de estimação.

Assim, chegamos aos seguintes dados: a) Brasil: personagens: Cascão e o porco Choviniista; Franjinha e o cachorro Bidu; Magali e gato Mingau; Chico Bento e os animais do sítio: A galinha Giselda, o porco Torresmo, a vaca Malhada, o cavalo Alazão; b) Brasil: personagem Armandinho e o sapo; c) Brasil: personagem Suriá e os animais do circo: o leão Daniel, a elefanta Úrsula, o urso Kurtz, o camelo Gaspar; d) Argentina: personagem Mafalda e jabota Burocracia; e) Estados Unidos: personagem Charlie Brown e o cachorro Snoopy.

As análises são apresentadas na sequência e são feitas a partir da leitura de narrativas textuais e imagéticas em tiras e HQ's, que se encontram em páginas oficiais ou de fãs, do *Facebook*, *Instagram* e no *Google*.

Apresentação e análise dos dados

As personagens infantis, de ambos os gêneros, e animais aparecem representadas o que mostra a importância do aprendizado das emoções e do trato com a afetividade para todos e todas, não sendo prerrogativa de um gênero (feminino) em detrimento do outro (masculino), como é ou pode ser uma marca social no ocidente ou no oriente.

Nos casos das personagens em análise, aquelas que vivem em ambientes urbanos, os de Maurício de Sousa Produções, costumam ter muitos personagens acompanhados de animais de estimação. Na seleção, encontramos personagens com animais mamíferos, como: gato, cachorro e porco. A personagem Charlie Brown, possui, igualmente, um mamífero, o cachorro como animal de estimação. As personagens Armandinho e Mafalda têm em comum os répteis como animais de estimação: um sapo e uma jabota, respectivamente.

No caso da personagem que vive na zona rural, há Chico Bento e seus animais do sítio: a galinha Giselda, a vaca Malhada, o cavalo Alazão, o porco

Torresmo e muitos outros; a maioria sendo mamíferos, mas também aves. A personagem Suriá, que mora em um circo que funciona seguindo o nomadismo (entre o urbano e o rural), convive com vários animais, todos sendo mamíferos: o leão Daniel, a elefanta Úrsula, o urso Kurtz, o camelo Gaspar.

Todas as representações enfatizam as parcerias humano-não humano, sendo ambos companhias, que estão próximos e compartilham de experiências, caminham lado a lado ou os animais são carregados nos ombros ou braços. As relações são reforçadas por um sentimento de amizade, de respeito, responsabilidade e dedicação, sem evidências de imposições hierárquicas de poder. Isso se infere, pois na narrativa e nas imagens, pois aparecem indícios ou afirmações de cuidado, proteção em casos de machucados ou de riscos.

Na interação entre humanos-não humanos, há indícios que envolvem todos os sentidos: audição e olfato, pois as personagens conversam com os animais e estes reagem ou mantêm contato especialmente pelo olhar direto; visão, estabelecendo relação olho no olho, mas é especialmente o tato, dado pelo toque o que aguça a relação corpo a corpo, ativando emoções, que se percebem agradáveis, sob a forma de carícias e abraços e rostos de satisfação, demonstrando prazer e aceitação recíproca.

Na grande maioria das situações, as emoções são positivas, mas há casos, que mostram tensão, reações agressivas, que se restabelecem posteriormente, inferidas por cenas harmonizadas, com presença de diálogo, reconhecimento do lugar do outro e aceitação das reações, o que dá pistas da presença dos quatro tipos de vínculos (amor, agressão, conhecimento, reconhecimento) citados por Galzzana (2015).

Crianças e animais se socializam, para além das normas sociais, aprendendo as possibilidades de relação e interação positiva e qualificada. Assim, a aprendizagem da força centrípeta, voltada para si e da força centrífuga (Ferreira; Acioly-Régner, 2010; Almeida, 2014), voltada para o outro, acontece e reforça o momento do personalismo, em que a individuação-alteridade já existe em operação.

É interessante perceber que as representações demonstram que crianças e animais conversam, confabulam, pensam, sentem, o que permite

depreender que os animais respondem com senciência e, para, além disso, com consciência.

Em todas as situações, os animais podem ser vistos como seres importantes, como parte e membros da família interespecies (estão presentes dentro de casa, fornecem felicidade aos seus cuidadores e mostram afetos positivos).

Em suma, as produções imagéticas dão indícios que ajudam a atualizar e a perpetuar a cultura que aponta para a importância da presença e da interação entre as crianças e os animais com os quais convivem.

Como seres afetivos que somos, é preciso reconhecer e lidar com as emoções, sentimentos e paixões advindas das conexões entre mundo físico, biológico e social, das interações entre humanos e não-humanos, sendo a socialização um meio que favorece os aprendizados. Como seres sociais e sociáveis que somos, é importante considerar os muitos e variados modos como existimos e convivemos com outros seres, de outras espécies e de múltiplos meios, para além daquilo que convencionamos entender como social (Latour, 2012).

Os animais dão sua especial contribuição para o aprendizado da convivência e para os diferentes modos pelos quais vamos nos inventando seres humanos em relação e proximidade com tudo e todos, revendo perspectivas limitantes e restritas da ciência sobre a senciência e consciência em animais, em tentativas de superar os alicerces da modernidade, que apartavam e sobrepunham o humano a tudo que não tratava dele e seu espécie.

O sentimento é a manifestação mais racionalizada e menos impulsiva, tendo ligação com o pensamento. A empatia é o sentimento que permite a compaixão, a responsabilidade e o compromisso, especialmente com os outros, pertencentes a diferentes espécies.

Considerações finais

O desenvolvimento e o aprendizado da socialização e dos afetos se constroem e se reforçam ao longo da vida, favorecidos, inclusive, pelo aumento

da presença e co-habitação de animais nas moradias nos dias atuais. Portanto, aprender a reconhecer os sentimentos em si e no outro, é um modo de valorização da vida pela via da generosidade, do respeito, de empatia e, por extensão, de valorização e cuidado da natureza em seus diferentes meios e seres.

O tema da afetividade perpassa as problemáticas de enfrentamento na área da Educação, principalmente pela óptica da Psicologia, mas traz desafios para outras áreas do conhecimento, como a Sociologia da Infância (que vem se ocupando de olhar e entender os bebês e as crianças), as contribuições com a teoria ator-rede, de Latour (2012), que entende que tudo que existe é um ator e traça conexões, e para possíveis diálogos com outros conceitos, como o de amorosidade, sob o viés freireano, entendido como “o sentido e o sentir da amorosidade como modo de acolhimento do outro no eu, uma possibilidade de reconhecimento de um eu no outro” (Amorim, Calloni, 2017, p. 380), portanto, como forma empática de relações.

Pensar as interações entre crianças e animais de estimação, ajuda os profissionais a criarem estratégias e situações de aprendizado e desenvolvimento dos aspectos afetivos infantis, tanto pela presença e proximidade no cotidiano, como também pela via da representação em produções culturais e artísticas voltadas não apenas ao público infantil, mas usufruídas por pessoas de qualquer idade.

As HQ's são meios formativos, em que aprendizados são possíveis de acontecer quando há contato entre o leitor, o ouvinte e os conteúdos imagéticos e textuais disponibilizados em seus suportes analógicos ou digitais.

Conforme as narrativas vão mostrando que há conexões acontecendo e como as personagens e seus animais de estimação se afetam mutuamente, é possível perceber que em ambos se produz aprendizados cotidianos, aos poucos e com diferentes graus de intensidade emocional.

A leitura provoca sentimentos e pensamentos e favorece ou acentua o entendimento dos vínculos e das conexões entre humanos-humanos e multiespécies por meio de projeções que leitores e ouvintes fazem sobre as personagens e sobre as histórias, construindo seus universos interiores instigados e alimentados pela imaginação.

Se, por um lado, Santilli (2018) finaliza sua pesquisa preocupada com o fato de os filmes, séries, novelas e animações infantis ensinarem o medo, o temor em relação ao mundo por meio do que as narrativas audiovisuais contam, por outro lado, conclui que a série analisada, a *Sakura Card Captors*, ajuda a transmitir outros valores e sensações aos telespectadores, por trazer conteúdos sensíveis, amáveis e conciliadores de se lidar com o mundo. Assim, pensamos que as narrativas contidas na HQ's aqui apresentadas também podem colaborar para o aprendizado dos leitores e ouvintes sobre a necessidade e importância dos vínculos como parte do processo de socialização, bem como para o aprendizado das emoções e dos afetos, especialmente da empatia, que conjuga identificação, atenção e cuidado com os outros, quaisquer que sejam eles.

Por fim, Santilli (2018) pergunta-se em suas conclusões:

quem sabe uma animação infantil como SCC não pode fomentar em algumas crianças um olhar mais cuidadoso e delicado para as relações cotidianas com o mundo? Quem sabe mais animações desse tipo não podem inspirar um mundo mais sensível e acolhedor? (Santilli, 2018, p. 153).

A isso arriscamos responder afirmativamente ancoradas nas pistas que as HQ's selecionadas, como objeto investigativo, nos trouxeram.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. A questão do Eu e do Outro na psicogenética walloniana. **Estud. Psicol.**, Campinas, v. 31, n. 4, p. 595-604, dez. 2014.

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. A importância do outro na transmissão e apropriação do conhecimento e na construção da consciência de si e no mundo. **Temas em Psicologia**, no. 3, p. 109-120, 1997.

ANDRADE, Daniely Borges de. **Abordagem fonoaudiológica na equoterapia no atendimento de crianças**: com distúrbios de linguagem oral: estudo de casos clínicos. 2010. 80 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Dicionário de Psicologia**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

- AMORIM, Filipi Vieira; CALLONI, Humberto. Sobre o conceito de amorosidade em Paulo Freire. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 22, n. 2, p. 380-392, maio/ago. 2017.
- CAPOTE, Patricia Sidorenko de Oliveira. **Terapia Assistida por Animais (TAA) e deficiência mental: análise do desenvolvimento psicomotor.** 2009. 238f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.
- DINIZ, Luanna Honorato. **O uso da equoterapia como ferramenta na melhora do equilíbrio e da flexibilidade em idosos.** 2017. 63 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017.
- FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar**, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010.
- GARCIA, Fabíola Alvares. **Investigando diferentes indicadores de empatia em meninos e sua relação com a empatia e ações educativas dos pais.** 2001. 94 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Educação) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.
- GAZZANA, Cristina. Novas configurações familiares e vínculo com os animais de estimação numa perspectiva de família multiespécie. **Psicologado**, [S.l.], 2015. Disponível em: <https://psicologado.com.br/abordagens/comportamental/novas-configuracoes-familiares-e-vinculo-com-os-animais-de-estimacao-numa-perspectiva-de-familia-multiespecie> . Acesso em 18 abr. 2022.
- GAZETA DO POVO. Brasil fecha 2018 como segundo maior mercado pet do mundo. **Caderno Economia**, 16 jan. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/brasil-fecha-2018-como-segundo-maior-mercado-pet-do-mundo-2vhq0n3uempvkgdcm8arh382j/>. Acesso em: 16 jan. 2020.
- GOMES, Adriana de Albuquerque. **A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea.** 2011. 285 f. Dissertação (Mestrado Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011.

JOCKYMAN, Luelyn. **Ocitocina sérica e comportamento afetivo de cães na interação com crianças e adultos**. 2017. 64 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

JUSTO, Alice Reuwsaat; CARVALHO, Janaína Castro Núñez; KRISTENSEN, Christian Haag. Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, vol.15, nº.2, p. 510-523, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862014000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 1 mai. 2022.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

LIMA, Maria Helena Costa Carvalho de Araújo. Considerações sobre a família multiespécie. In: V Reunião Equatorial de Antropologia/XIV Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, 2015, Maceió. **Anais...** Maceió: REA, 2015, s/p.

LIMA, Maria Helena Costa Carvalho de Araujo. **Animais de estimação e civilidade: a sensibilidade de empatia interespécie nas relações com cães e gatos**. 2016. 363 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

CANÇADO, Rachel Capanema Ferreira. **Avaliação da presença de cães e suas implicações na saúde física e emocional de crianças de cinco e seis anos de idade, em Belo Horizonte, MG**. 2011. 48p. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária Preventiva) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011.

MONTAGU, Ashley. **Tocar**: o significado humano da pele. São Paulo: Summus, 1988.

MOTTA, Danielle da Cunha; FALCONE, Eliane Mary de Oliveira; CLARK, Cynthia; MANHÃES, Alex Christian. Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol. 11, nº. 3, p. 523-532, set./dez. 2006.

MUÑOZ, Patricia de Oliveira Lima. **Terapia assistida por animais: interação entre cães e crianças autistas**. 2013. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, Glícia Ribeiro de. **Intervenção assistida por animais com crianças hospitalizadas: efeitos nas condutas comunicativas, sinais vitais e níveis de cortisol**. 2018. 116 f. Tese (Doutorado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

PLAISANCE, Eric. Para uma sociologia da pequena infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 86, p. 221-241, abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 abr. 2022.

PREGOWSKI, Michal Piotr. **Companion animals in everyday life**. New York: Palgrave Macmillan, 2016.

RODRIGUES, Gabriela de Almeida; RAMMÊ, Rogério Santos. A proteção jurídica dos animais de companhia nos litígios familiares. **Justiça & Sociedade**, v. 4, n. 1, p. 465-508, 2019.

SANTILLI, Ana Catarina. **Criança, narrativa e amor: os vínculos afetivos em Sakura Card Captors**. 2018. 163 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SOUZA, Joseth Filomena de Jesus. **O olhar da bioética sobre a representação social de animais no contexto da educação humanitária**. 2012. 87 f. Dissertação (Mestrado em Bioética) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. **Psic.Teor. e Pesq.**, Brasília, , vol. 27, n. 2, p. 249-254, abr-jun. 2011.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1979.